

Reforma: 500 anos de ruptura e comunhão

02/11/2017

Maria Clara Lucchetti Bingemer
professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

Em 31 de outubro comemoraram-se os 500 anos de um fato que marcou e redirecionou a história do Cristianismo. Martinho Lutero, monge agostiniano alemão, tornou públicas as 95 teses através das quais protestava contra vários procedimentos da Igreja Católica, sobretudo a venda de indulgências. Começava aí o movimento protestante.

Outra versão dos fatos diz que Lutero afixou suas teses à porta da Igreja do Castelo de Wittberg, na Alemanha. Mas segundo indicam pesquisas mais recentes, ele simplesmente as enviou a seus superiores. Elas então começaram a circular e a movimentar os ânimos dentro da Igreja. E a ganhar adeptos. Tanto que se tornaram outra Igreja, diferente da católica, e deram lugar ao movimento chamado Reforma.

O protestantismo é caracterizado por algumas afirmações que diferem da proposta católica. Entre estas se destacam o que se chama comumente em Teologia as três “solos”: *Sola fides*, *sola gratia*, *sola Scriptura*. Ou seja, só a fé, só a graça, só a Escritura.

Sola fide, ou só a fé significa que a justificação, realizada somente por Deus, é recebida apenas e unicamente pela fé, sem qualquer interferência ou necessidade de atos e iniciativas humanas, mesmo boas. No entanto, na teologia protestante clássica, a fé que salva é sempre evidenciada pelas boas obras, que são seu fruto. Afirmando a primazia da fé, o protestantismo se contrapõe ao princípio católico baseado sobretudo na Epístola de Tiago de que “a fé sem obras é morta”. Entende-se aí que o que salva são as boas obras e não a fé sem as obras.

Ao defender a primazia absoluta da fé que só pode crer e jamais produzir a salvação, Lutero se coloca frontalmente contra o poder das indulgências e orações que nada acrescentariam à obra que só Deus pode realizar no ser humano ao mesmo tempo justo e pecador, que seria a sua justificação.

Sola gratia ou só a graça é o ensinamento de que a salvação vem por graça divina, sem nenhum mérito por parte do ser humano e não como algo que este, pecador, merece. A salvação é um dom imerecido que Deus dá por causa de Jesus. Esta doutrina é o oposto do que seria a doutrina católica das boas obras, pelas quais o fiel pecador se aperfeiçoaria e adquiriria méritos purificadores que o aproximaria de Deus. Para o protestantismo da Reforma, Deus é o único que age na graça, e por isso a graça é sempre eficaz, pois vem d’Ele e não tem qualquer cooperação por parte do ser humano.

Novamente estão aqui a graça divina e as obras em contraposição, afirmando o protestantismo de Lutero que a única iniciativa da salvação provém de Deus por sua graça e que o ser humano não pode “trabalhar” por sua própria salvação, devendo apenas acolhê-la como dom imerecido.

Sola Scriptura ou só a Escritura é o ensinamento de que a Bíblia é a única palavra autorizada e inspirada por Deus, e constitui a única fonte para a doutrina cristã, sendo acessível a todos. Lutero beneficiou-se da então recente descoberta de Gutenberg, a imprensa escrita, e multiplicou as cópias da Bíblia impressa em alemão, devolvendo-a às mãos dos fiéis. O protestantismo afirma igualmente que a Bíblia não exige interpretação fora de si mesma, ao passo que o catolicismo ensina que a Bíblia

só pode ser autenticamente interpretada pelo magistério da Igreja, composto pelo Papa e pelos bispos sucessores dos apóstolos.

Enquanto os protestantes nas Escolas Dominicais aprofundavam-se na leitura e conhecimento da Sagrada Escritura, os católicos deviam contentar-se com as histórias sagradas que forneciam algo, uma pequena parcela, do conteúdo bíblico, já que o texto literal não era posto em suas mãos. Isso era livre exame e, portanto, “coisa de protestante”.

O Concílio Vaticano II, ocorrido em meados do século XX, reviu a atitude e as posições do catolicismo, sobretudo em relação à Escritura e, seguindo o movimento bíblico que já acontecia em seu interior, recomendou o uso e o estudo da Escritura por parte dos fiéis católicos. Assim, houve uma disseminação enorme dos círculos bíblicos, grupos de estudos bíblicos e a Escritura passou a fazer parte do cotidiano dos católicos.

O Concílio igualmente, em mais de um de seus documentos, reconhece a necessidade e mesmo a urgência do ecumenismo, que consiste na aproximação entre católicos e protestantes, chamados a buscar mais o que os une do que aquilo que os separa com vistas a construir maior comunhão que resulte na única Igreja de Cristo.

Hoje, 500 anos depois, aqui estamos nesta luta bonita de construir comunhão. Gratos somos os católicos à Reforma de Lutero, que abriu as portas para maior liberdade dentro da Igreja e tanto fez por maior aproximação nossa da Palavra de Deus. Felizes são igualmente os protestantes, que em um diálogo sempre maior com a “Católica” e Universal Igreja de Cristo Senhor e Salvador, alargam seus horizontes e vivem uma salvação livre e discernida, mas igualmente feita sinal e sacramento para o mundo inteiro.

De minha parte, só tenho a agradecer à Reforma de Lutero, que formou na retidão da fé e da justiça o homem que é meu esposo há quarenta e oito anos. E que igualmente me deu os magníficos alunos, mestrandos e doutorandos que tive a graça de conhecer nestes mais de 30 anos de magistério teológico. Celebremos os 500 anos da Reforma. Os motivos são muitos, sólidos e belos. *Soli Deo Gloria!*